

Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista

Neide Higino da Silva¹

RESUMO: A Linguística Cognitiva defende o caráter difuso entre as categorias. Por meio desta investigação, pretende-se discutir se essa ausência de limites precisos atinge as metáforas e as metonímias a ponto de haver uma imbricação entre ambas e apresentar um continuum metonímia-metáfora.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; Metonímia; Continuum; Princípio da Invariância

Palavras iniciais

No quadro teórico da Linguística Cognitiva (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; FILMORE, 1982; CROFT & CRUSE, 2004), o propósito básico deste trabalho é observar os limites entre as construções metafóricas e metonímicas, especificamente, aquelas formadas com a lexia 'pé', levando em consideração que metáfora e metonímia são processos de construção e reconstrução do conhecimento. Nessa perspectiva, a significação provém da relação entre falante e ouvinte, tornando a interação possível, porque ambos estão situados em um contexto social, cultural e relacionam-se com o mundo através de sua experiência corpórea. Sob esse enfoque, define-se linguagem como uma atividade comunicativa produzida e produtora da cultura e da sociedade.

Ao longo do texto, são analisadas expressões lexicais e idiomáticas, da linguagem cotidiana, criadas a partir da palavra 'pé', a exemplo dos compostos 'pé de moleque', 'pé-de-meia' e 'pé de valsa' e das expressões 'ter os pés no chão', 'estar de pé' e 'sem pé nem cabeça'.

1. Metáfora e Metonímia

A abordagem tradicional trata a metáfora e a metonímia com figuras de linguagem ou como artifícios retóricos de embelezamento da linguagem. No entanto, a partir de Lakoff & Johnson (1980) ambas têm sido evidenciadas

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestranda.

como processos cognitivos geradores de conhecimento, por meio de experiências humanas: físicas, culturais e sociais.

O ser humano percebe e classifica a realidade e essa classificação é feita tendo as semelhanças e as diferenças como referências. Consideram-se semelhantes os elementos que possuem alguma familiaridade e, por isso mesmo, são arrolados na mesma categoria; elementos diferentes, ou seja, os que perderam qualquer grau de interseção entre si, dispostos em categorias distintas. Elementos que possuem familiaridade ou semelhança pertencem ao mesmo domínio do conhecimento e aqueles que não possuem nenhuma familiaridade ou semelhança, a domínio de conhecimento diferente.

“Categorização não é uma questão a ser tratada superficialmente. Não há nada mais básico do que a categorização de nosso pensamento, percepção, ação e discurso. Toda vez que vejo algo como um tipo de coisa, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando. Sempre que raciocinar sobre os tipos de coisas - as cadeiras, as nações, as doenças, as emoções, qualquer tipo de coisa - nós estamos empregando categorias”² (LAKOFF, [1987] 1990: 5)

A metáfora e a metonímia vão funcionar de acordo com as relações estabelecidas entre e dentro das categorias. Através da metáfora, busca-se correspondência, similitude, entre elementos de domínios diferentes e pela metonímia, uma relação contígua entre elementos do mesmo domínio.

Na organização do saber, o ser humano procura ancorar os novos conhecimentos naqueles já adquiridos. Na metáfora, usa-se um pano de fundo diferente do original para tornarem-se translúcidos os conceitos que não são familiares. Um domínio (domínio origem, nos termos de LAKOFF, [1987] 1990: 288) empresta seus conceitos a outro domínio (domínio destino, ainda nos termos de Lakoff, [1987] 1990: 288), e sobre este se projetam os conceitos do primeiro. Por exemplo, em um enunciado como “A eleição é um jogo”, os

2 “Categorization is not a matter to be taken lightly. There is nothing more basic than categorization to our thought, perception, action, and speech. Every time we see something as a kind of thing, for example, a tree, we are categorizing. Whenever we reason about kinds of things – chairs, nations, illnesses, emotions, any kind of thing at all – we are employing categories” (LAKOFF, 1990: 5)

Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista

conceitos de 'jogo' (domínio origem) são projetados sobre os de 'eleição' (domínio destino). Isso se faz possível, graças às correspondências parciais (parcial, já que a total trataria do mesmo elemento) entre eles; por isso, é possível tomar 'eleição' por 'jogo', uma vez que "a essência da metáfora é entender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra" (LAKOFF & JONHSON, [1980] 2007: 41).

A partir de exemplos retirados de páginas da *internet*, tendo como ferramenta de referência o *Google*, analisar-se-á a conexão entre os domínios – acionados na construção de sentido – de expressões como as que se seguem:

- a. "Me disseram que comer **pé de galinha** bem cozidinho, repõe o colágeno da pele, será que isso é verdade?" (br.answers.yahoo.com/question/index?qid)
- b. "Refogar o **pé de porco**, na panela de pressão, com metade da cebola e o alho. Cubra com água e deixe cozinhar até soltar do osso." (<http://receitas.maisvoce.globo.com>)

Em "pé de galinha" e "pé de porco", o domínio destino opera com o conceito de pata que, de acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss, "é cada um dos apêndices pares de um animal, especialmente vertebrado ou artrópode, usado para locomoção ou apoio do corpo". O ser humano, partindo de sua experiência corpórea, reconhece a semelhança entre as extremidades dos membros inferiores dos animais e as suas, já que aquelas estão na parte inferior do corpo, sendo responsáveis pela sustentação, locomoção, equilíbrio e manutenção da verticalidade do corpo, assim como no seu. A projeção dessas características do domínio origem sobre o domínio destino é que permite o conceito metafórico. Observa-se que são projetadas as familiaridades entre os domínios e não o conceito de pé de acordo com anatomia: "Cada uma das duas extremidades inferiores, uma em cada membro inferior, constituídas de tarso, metatarso, e falanges dos pododáctilos, respectivas articulações, e partes moles que recobrem as ósseas" (Novo Dicionário Aurélio eletrônico). Do contrário, tratar-se-ia de uma tautologia. Passemos à descrição do exemplo em (c), a seguir:

Neide Higino da Silva

- c. “3 jul. 2010 ... Pra completar a minha mesa de vidro da sala veio com o **pé da mesa** quebrado”

(www.reclameaqui.com.br/.../nao-querem-trocar-o-pe-da-mesa-de-vidro-que-veio-quebrado)

Em “**pé da mesa**”, suporte do objeto, o domínio origem projeta sobre o domínio destino as ideias de parte inferior, equilíbrio, força, e sustentação. No entanto, não cabem aqui os conceitos de verticalidade e locomoção.

Em “**rodapé**”, barra que se coloca ao longo das paredes, é projetada a imagem de parte inferior, como se vê em (d), a seguir.

- d. “Qual é a altura ideal para o **rodapé**? Ele deve combinar com o piso, a parede ... A vantagem, neste caso, é que o **rodapé** pode disfarçar os pontos elétricos ...”

(revistacasaedjardim.globo.com/.../EMI72758-16792,00-RODAPE+QUAL+E+A+ALTURA+RECOMENDADA.html)

Em “**pé de vento**”, em (e) abaixo, o domínio origem projeta aspectos da locomoção, da força e da rapidez, disponíveis em ‘**pé**’, sobre o domínio destino.

- e. “14 set. 2010 ... Um **pé de vento** que mais parecia um furacão pegou a gente no meio do caminho.”

(rodrigojacutinga.com.br/index.php?option=com)

O quadro a seguir ilustra o processo acima descrito.

Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista

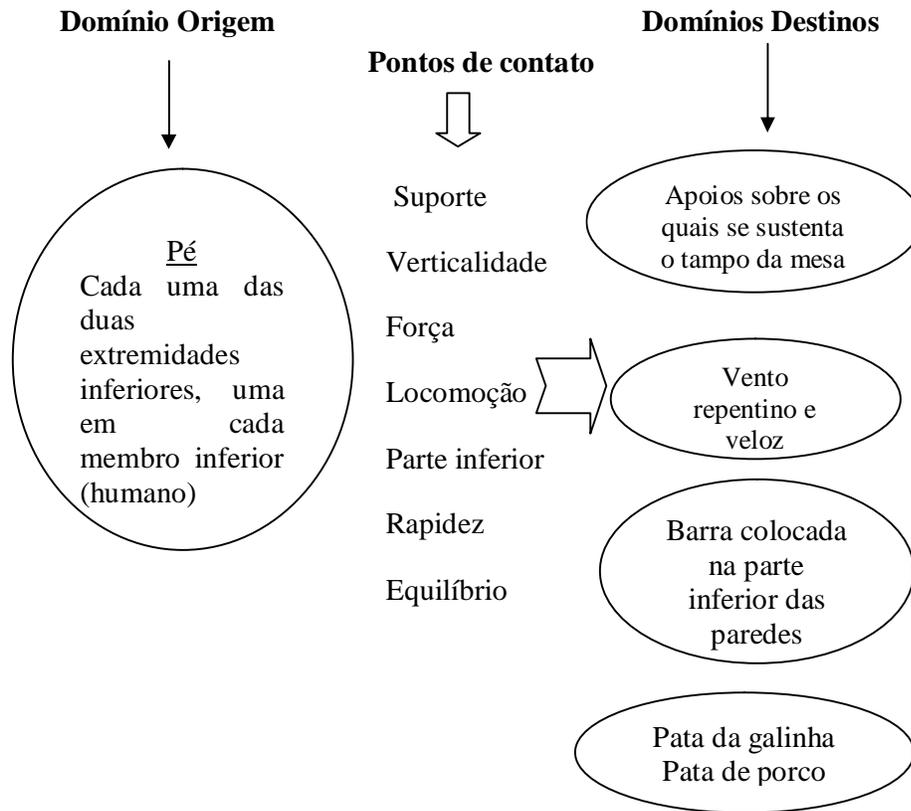


Figura 1: Projeção entre domínios

O conceito de 'pé' possui diversos aspectos – suporte, verticalidade, força, locomoção, parte inferior, rapidez e equilíbrio – que podem ser aferidos nas múltiplas experiências corporais com o membro inferior. No gráfico acima, todas essas perspectivas estão relacionadas em pontos de contato, que também podem ser compreendidos como semelhanças ou familiaridades entre os diferentes domínios destinos e o domínio origem. A projeção dá-se da origem para o destino; contudo, o destino seleciona os pontos que são pertinentes ao conceito que se deseja construir.

“A mesma sistematização que nos permite compreender um aspecto de um conceito em termos de outro (...) necessariamente, há de ocultar outros aspectos do conceito em questão. (...) um conceito metafórico pode impedir que nos concentremos em outros aspectos do conceito que são inconsistentes com essa metáfora”. (LAKOFF & JONHSON, [1980] 2007: 46).

Retornemos ao exemplo (e) acima. Em “pé de vento”, aspectos como parte inferior, sustentação, equilíbrio e manutenção da verticalidade, presentes no domínio origem, são ocultados, já que são incoerentes com o fenômeno natural e com a característica que se focar no domínio destino.

Essa correspondência entre os domínios origem e destino é assegurada pelo Princípio da Invariância, que estabelece a conexão entre esses “conjuntos de conhecimentos estruturados” (MARTELOTTA & PALOMANES, 2008: 184), através do mapeamento direcionado, necessariamente, do domínio origem para o domínio destino, conservando a estrutura cognitiva do domínio origem de forma consistente com a estrutura inerente do domínio destino. A preservação da estrutura do domínio destino restringe formações incoerentes.

Barcelona (2000) acredita que esse princípio vem elucidar duas fundamentais características do mapeamento metafórico:

“O fato de que tem de haver um grau de correlação estrutural, em alguma dimensão semântica, entre a estrutura semântica da origem e a do destino, que permite que a primeira seja projetada sobre a segunda; esta correlação é descoberta ou criada com base na experiência.

O fato de que a estrutura semântica do domínio destino restringe o mapeamento.”³ (BARCELONA, [2000] 2003: 45).

Barcelona ([2000] 2003: 45), citando Lakoff ([1987]1993: 216), afirma que o fato é denominado como “rejeição pelo domínio destino”.

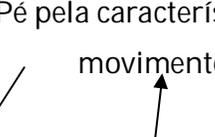
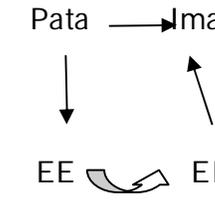
Diferentes das construções metafóricas, as metonímicas surgem dentro do mesmo domínio cognitivo, operando com elementos que pertencem à mesma categoria. Entre eles, existe uma hierarquia, pois há elementos que possuem informações gerais, básicas e específicas. As básicas são aquelas que facilitam a apreensão, já que respeitam o princípio da economia linguística, pois são relevantes, informativas e ativam dados da mesma categoria. Um conhecimento estende-se a um outro que está no mesmo domínio do saber. Parte-se de um

3 “(1) The fact that there has to be a degree of structural correlation, on some semantic dimension, between the semantic structure of the source and that of the target, which allows the former to be projected onto the latter; this correlation is either discovered or created on the basis of experience. (2) The fact that the semantic structure of the target domain constrains the mapping”.

Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista

ponto de referência para algum elemento a ele relacionado. No exemplo 'O Palácio do Planalto divulgou nota', o ponto de referência é o local, Palácio do Planalto, e o elemento relacionado, neste caso o agente, é o porta-voz da presidência. O ponto de referência é a entidade explícita, básica, que é focalizada, isto é, para a qual se dirige a atenção, por meio da qual se acessa, por uma relação de contiguidade, a entidade implícita, a ele relacionada. De forma mais clara, Lakoff & Johnson ([1980] 2007: 73) afirmam que "(...) utilizamos uma entidade para referirmo-nos a outra que está relacionada a ela. Isto é o que denominamos metonímia".

Os exemplos a seguir ilustram a relação de contiguidade entre o ponto de referência "pé" – extremidade dos membros inferiores do corpo humano – e várias entidades relacionadas a ele, de acordo com o elemento implícito acessada em cada composto. Em 'Arrasta-pé', um tipo de dança, ativa-se o corpo, assim como em 'pé de valsa', atributo para um exímio dançarino. Já em 'pé da meia', peça do vestuário, a entidade implícita é um dos pares dessa vestimenta. Em 'pés', é a medida. No entanto, em 'pé de galinha' a relação de contiguidade é com a forma da pata da galinha, ponto de referência, metaforicamente denominada de pé, e a imagem criada pelas rugas no canto externo dos olhos. Esses e outros exemplos são arrolados no quadro a seguir, que ratifica o processo metonímico.

<p><u>A parte pelo todo</u></p> <p>Pé pelo corpo</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Pé inchado (ébrio) ➤ Pé frio ➤ Pé na lama
<p><u>A parte do corpo pelo movimento</u></p> <p>Pé pela característica do movimento</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Pé na tábua ➤ Arrasta- pé ➤ Pé de valsa
<p><u>O produtor pelo produto</u></p> <p>Pé como referência para medida</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Pés
<p><u>O conteúdo pelo objeto</u></p> <p>Pé e os objetos utilizados nele.</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Pé da meia ➤ Pé de sapato
<p><u>O formato pela substância</u></p> <p>Pata → Imagem</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Pé de galinha (ruga) ➤ Pé de cabra (alavanca de ferro)

Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista

Essas características da metáfora e da metonímia são fundamentais para compreensão da proposta de *continuum* entre esses dois processos cognitivos.

2. Metonímia-Metáfora: *Continuum*

Segundo Croft & Cruse ([2004] 2009:218), embora as abordagens lakoffianas tenham feito a distinção entre metáfora e metonímia, elas evidenciam que a metonímia pode ter uma função vital na origem das expressões metafóricas.

Croft & Cruse (*op.cit*) demonstram como ocorre a interação entre os dois processos através da análise da metáfora RAIVA É CALOR. No centro dessa metáfora, está a relação metonímica entre o sentimento da raiva e o aumento da temperatura corporal gerada pelo sentimento. Dessa forma, pode-se referir à raiva por meio do calor. Surge, então, o conceito metafórico, elaborando a raiva como um líquido, em um recipiente fechado, sobre os efeitos do fogo.

Outro exemplo é a metáfora MAIS É ACIMA, que tem como origem a metonímia nascida do conhecimento factual de que o acúmulo de objetos na vertical os faz atingir maior altura. A partir dessa imagem, a metáfora pode ser aplicada em casos como preços altos e temperatura alta. Assim, metáfora e metonímia contribuem na construção da interpretação.

Nos casos apresentados, facilmente, distingue-se a colaboração dos dois processos, porém há outros em que ocorre indeterminação entre metáfora e metonímia.

O exemplo sugerido pelos autores, "O carro parou em frente à padaria", apresenta três possibilidades de interpretação. A primeira, mais básica, seria a seguinte: "o carro estando em uma ladeira, em função de uma falha no freio, desloca-se indo parar em frente a uma padaria". Na segunda, de base metonímica, o carro é tomado para referir-se ao motorista. E na terceira, metafórica, confere-se vida ao carro e esse locomove-se.

O mesmo pode ser observado em expressões idiomáticas envolvendo "pé", como, por exemplo, "ficar no pé de (alguém)", "pegar pelo pé", "estar com o pé na cova" e "não arredar o pé" que podem ter uma interpretação básica, metonímica e metafórica.

A interpretação básica para “ficar no pé de (alguém)” seria a seguinte: algo está posicionado sobre o pé de uma pessoa, incomodando-a; já a metonímica corresponderia à seguinte leitura: algo/alguém permanece muito próxima do corpo de uma pessoa, acionando a metonímia PARTE PELO TODO, em que ‘pé’ é a entidade explícita e o corpo, a entidade implícita. Por fim, a interpretação metafórica, fundamentada na experiência corpórea da locomoção, que requer liberdade dos pés para o movimento, estaria relacionada a uma cena na qual algo/alguém posiciona-se irregularmente nos pés de uma pessoa, dificultando a locomoção; surge, então, a metáfora “molestar com pedidos insistentes”.

Em “pegar pelo pé”, pode ser dada a seguinte interpretação básica: “segurar, agarrar alguém pela extremidade dos seus membros inferiores”. Já a metonímica seria “atingir ou alcançar uma pessoa”; e a metafórica, “surpreender, conter e criticar o adversário”. A experiência corpórea indica que segurar alguém pelo pé é impedir sua locomoção e ainda desequilibrar a base de sustentação – uma crítica pode tanto apanhar despreparado o adversário, como desequilibrá-lo emocionalmente.

Já em “estar com o pé na cova” e “não arredar pé”, as interpretações básicas seriam, para primeira, “estar ereto com os pés dentro ou acima de uma sepultura”; para segunda, “não remover o pé do lugar”. As metonímicas corresponderiam, nessa ordem, a “estar com todo o corpo debilitado” e “não deslocar o corpo”, respectivamente. Por fim, as metafóricas remeteriam, respectivamente, a “estar à beira da morte” e “não mudar de opinião”.

Diante de tais exemplos, fica a questão: é possível, de fato, separar metáfora e metonímia?

Fundamentada em Goosens (2002) e Barcelona (2000), Zhuo Jing-Schmidt (2008) afirma que, na conceptualização linguística, metáfora e metonímia são dificilmente separadas e em função, cada vez mais, da íntima relação entre os dois processos são considerados constituintes de um *continuum*, ao invés de uma distinção binária.

Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista

Barcelona (2000), remetendo-se à Kövecses (2000), mostra por que esses processos podem ser entendidos como polos de um *continuum*. Kövecses ([2000] 2003: 50) concebe a metáfora como um “conhecimento central” advindo do domínio origem, isto é, um conjunto de subdomínios, que participa principalmente na metáfora através de imposição de um ou vários focos de significados sobre o domínio destino.

Entende-se por “conhecimento central” aquele que é convencional, genérico, intrínseco e característico, tendo em conta a classe de entidades ou eventos designados por uma expressão linguística particular (KÖVECSES, [2000] 2003: 82).

Esse “conhecimento” é acessado por meio da decomposição da metáfora genérica em metáforas específicas (subdomínios). Esse procedimento é denominado de “mapeamentos centrais”, desde que mapeie o “conhecimento central” do domínio origem para o domínio destino. Pode-se, então, comparar esse trato com a relação intra-dominial da metonímia, como afirma o próprio autor em nota: “se o conhecimento formador da metáfora é central, isto é, um conhecimento parcial, há um tipo de base metonímica para metáfora”⁴.

Kövecses (*op.cit*) apresenta a metáfora genérica (metáfora conceptual, segundo Lakoff & Johnson, 1980) SISTEMAS COMPLEXOS SÃO EDIFÍCIOS que pode ser decomposta em outras metáforas específicas: CRIAÇÃO É CONSTRUÇÃO, ESTRUTURA ABSTRATA É ESTRUTURA FÍSICA e ESTABILIDADE ABSTRATA É FORÇA FÍSICA.

Os conceitos do domínio origem, da metáfora SISTEMAS COMPLEXOS SÃO EDIFÍCIOS, que foram projetados no domínio destino a seguir:

4 “Incidentally, if the knowledge that primarily participates in metaphor is central, i.e., partial, knowledge, then we can see in this one kind of metonymic basis for metaphor.” (cf. KÖVECSES, [2000] 2003:91)

<u>Domínio Origem</u>		<u>Domínio Destino</u>
a) edifícios	→	sistema complexo
b) construindo o edifício	→	criando ou desenvolvendo o sistema;
c) a fundação do edifício	→	a base do sistema
d) a construção do edifício	→	a criação do sistema
e) força da construção	→	a estabilidade do sistema
f) a estrutura física	→	estrutura abstrata

(cf. KÖVECSES, [2000] 2003: 83)

Das noções relacionadas, segundo o autor, o principal significado convencional do conceito de edifício, do domínio origem, que será mapeado no domínio destino, é *construção de edifício forte*. Os constituintes básicos desse mapeamento são os apresentados acima. No entanto, há uma gradação entre eles, sendo uns mais importantes que o outros e, por isso, considerados “conhecimentos centrais”, devendo ser projetados no domínio destino para composição da metáfora genérica. São eles os representados pelas letras (b), (e) e (f).

Kövecses (*op.cit*) salienta que a relação apresentada entre domínio origem e domínio destino, que ele chama de “mapeamento central”, não deve ser confundida com o Princípio da Invariância, pois este estabelece que a “estrutura imagem-esquemática⁵” da origem que é consistente com o a “estrutura imagem-esquemática” do destino seja projetado no destino. Já o “mapeamento central” é a identificação do “conhecimento central”, isto é, do principal significado-foco do domínio origem a ser projetado sobre o domínio destino.

Barcelona ([2000] 2003:51), citando Joseph Grady (1997), observa que a projeção dá-se diante de uma motivação experiencial baseada em uma correlação experiencial, isto é, as partes relevantes do domínio origem são escolhidas de acordo com a motivação experiencial e a correlação entre os domínios baseia-se em algum elemento saliente na estrutura abstrata: sua funcionalidade, ou seja, sua relevância em algum contexto.

5 A estrutura imagem - esquemática são “*esquemas genéricos*, configurações de natureza mais ampla, global, abstrata, e, portanto, mais flexíveis em suas aplicações” (MARTELOTTA & PALOMANES, 2008: 186).

Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista

Segundo o autor ([2000] 2003: 51), as correlações são uma espécie de operação metonímica, já que elas implicam em uma abstração da “estrutura imagem-esquemática” de ambos, domínios origem e destino, para selecionar suas similaridades.

A partir dessa perspectiva de investigação, as estruturas lexicais e expressões idiomáticas com a palavra 'pé' serão analisadas.

Por exemplo, a expressão metafórica “cair de pé” parte da metonímia surgida da experiência corporal indicada pelo verbo cair. O corpo, em virtude de um desequilíbrio, vai ao chão, o que, socialmente, pode ser considerada uma situação vexatória; no entanto, sofrer um desequilíbrio e manter-se ereto demonstra habilidade, podendo ser chamado de uma quase queda. A expressão reúne, portanto, duas ideias paradoxais: a de queda e, por meio da locução, “de pé”, a de verticalidade, informando que o corpo ainda está ereto, apesar de quase derrubado.

Portanto, “cair de pé” envolve a queda, mas exclui o vexame. Essa imagem evoca duas metáforas conceptuais: MAL É PARA BAIXO, em função do verbo, e BEM É PARA CIMA, relacionadas à locução “de pé”. A locução tem um forte caráter modificador, amenizando o sentido do verbo e centrando a informação da expressão no fato de ficar ereto, o que leva à noção de dignidade.

“Lamber os pés” é uma expressão metafórica que também advém de uma metonímia. O verbo “lamber” indica ação de passar a língua sobre algo. A língua é um órgão que contribui com a deglutição e degustação, situado na boca, parte superior do corpo, com a qual se tem mais asseio e higiene. Já o pé, parte mais inferior do corpo, no que tange às orientações espaciais, está em contato direto com o solo e suas impurezas, sendo, conseqüentemente, menos limpo. Portanto, tal gesto representa uma postura de completa submissão. A partir dessa experiência corporal, é possível construir a imagem que remete a metáfora MENOS É PARA BAIXO.

Já a metáfora “Um pé lá e outro cá” surge da metonímia oriunda da experiência física da impossibilidade de um corpo estar em dois lugares ao mesmo tempo. Essa incapacidade humana pode ser minimizada através de um

deslocamento muito rápido, em um tempo muito curto, causando a impressão de se estar em dois locais ao mesmo tempo.

É possível realizar a mesma análise com os compostos “pé sujo”, “pé frio” e “pé de meia” (economias). Nesses casos, remete-se ao sentido nuclear de pé, “extremidade do membro inferior abaixo da articulação do tornozelo e terminada pelos artelhos, assentada por completo no chão, e que permite a postura vertical e o andar” (Dicionário Houaiss Eletrônico), e o segundo elemento, de cada expressão, modifica o seu sentido nuclear: ‘sujo’ indica impureza e por extensão metafórica, sordidez e indignidade (desprovido). Dessa forma, “pé sujo” pode referir-se à pessoa muito pobre e a um botequim de baixa categoria. “Frio”, informa uma condição térmica desconfortável, condição esta da pessoa que possui tal característica: azarado. Em “pé de meia”, inicialmente, tem-se a metonímia O CONTINENTE PELO CONTEÚDO, em que a peça de roupa é tomada pela parte que cobre; conseqüentemente, em função do hábito de guardar dinheiro nessa peça, essa prática levou ao composto “pé de meia” e essa é a motivação para o uso da expressão, ainda que tal prática não se realize mais.

A sistematização do *continuum* parte do polo metonímico para o metafórico. Lakoff e Johnson ([1980] 2007: 77-78) afirmam que metáfora e metonímia são, ambos, processos cognitivos fundamentados na experiência humana. Contudo, ressaltam que os conceitos metonímicos são mais translúcidos que os metafóricos, já que costumam conduzir a diretas associações físicas ou causais, enquanto os sistemas conceptuais das culturas e das religiões são de natureza metafórica. Portanto, o *continuum* parte de experiências físicas até as culturais. Entre um polo e outro, surgem dois tipos de interações, segundo Barcelona ([2000] 2003:10): (1) Metonímias motivadas conceptualmente por metáforas e (2) Metáforas motivadas conceptualmente por metonímias. No entanto, o autor afasta o primeiro caso, argumentando que é bastante problemático e constitui um real desafio para teoria da metáfora. A posição é ratificada por Günter Radden ([2000] 2003:93), para quem metáforas

Metáfora e metonímia nas construções com ‘pé’: uma abordagem cognitivista elaboradas a partir de processo metonímico são mais básicas e naturais que metonímias com bases metafóricas.

3. Mapeamento Central e Princípio de Invariância

Apesar de Kövecses (2000) fazer uma distinção entre “mapeamento central” e “Princípio da Invariância” para argumentar em favor do mapeamento metonímico no domínio origem, Barcelona ([2000] 2003: 45-46) utiliza o “Princípio da Invariância” para mostrar como se dão as relações metonímicas dentro dos domínios origem e destino.

Por meio de uma releitura do Princípio da Invariância, o autor interpreta-o como uma restrição metonímica sobre a metáfora. O princípio indica que há um pré-requisito para o mapeamento metafórico: um mapeamento metonímico interno no domínio destino, segundo o qual (parte de) a *estrutura imagem-esquemática* abstrata do destino é projetada sobre si mesmo. Desse modo, o destino é entendido como (parte de) sua *estrutura imagem-esquemática*. Da mesma forma, o mapeamento metonímico também ocorre dentro do domínio origem, em que parte de sua estrutura é projetada sobre si. No domínio origem, isso acontece para checar seu grau de similaridade estrutural com o domínio destino. Só após as projeções internas, há projeção do domínio origem para o domínio destino.

Barcelona apresenta o exemplo “cor berrante” e por meio dele explica como se dá esse mapeamento. O domínio destino (cor “desviante”) é metonimicamente entendido a partir de sua estrutura imagem–esquemática. Há uma dada percepção com certas características que violam a norma social e um apreensor⁶ sobre quem recai certos efeitos dessas características. Mas, nesse caso especial, a estrutura imagem-esquemática de “cores desviantes” é compreendida metonimicamente, em si mesma, como um dos seus subdomínios específicos: o efeito específico de atrair irresistivelmente a atenção do apreensor. Em outras palavras, no exemplo *cor berrante* (exatamente como acontece em *música doce*), a motivação metonímica é dupla: além da abstração

6 O autor utiliza “perceiver”, no entanto, não foi possível fazer tradução literal para o português.

da sua estrutura imagem-esquemática inerente, essa estrutura é em si mesmo construída metonimicamente.

O domínio origem (som “desviante”) é também metonimicamente entendido a partir de sua estrutura imagem–esquemática. Novamente, temos uma percepção com certas características, há um apreensor e efeitos dessas características sobre o apreensor, com atenção sendo, dessa forma, metonimicamente destacada. Nem tudo que sabemos sobre o desvio do som é considerado para o mapeamento. Por exemplo, o instrumento utilizado para produzir o som não é considerado: *Era um pífano colorido (para significar uma cor espalhafatosa). Somente aqueles subesquemas correlacionados com a imagem esquemática inerente de cores berrantes são mapeados. (BARCELONA, [2000] 2003: 46).

O exemplo apresentado pelo autor para ilustrar o funcionamento do mapeamento metonímico dentro dos domínios origem e destino é altamente contrastante e sinestésico. No entanto, é possível perceber o processo em exemplos mais simples, como “pé de barro” e “pé de chinelo”, como pode ser observado nos fragmentos (f) e (g) a seguir. Em (f), tem-se o composto “pé-de-barro”:

- f. “Marina diz que Brasil tem **pé de barro** na questão da gestão pública”
(<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2010/09/>)

Do domínio destino, barro, subfocaliza-se a estrutura imagem–esquemática de substância mineral, sem valor e usada para fazer escultura. No mapeamento interno do domínio destino, considera-se o caráter de fragilidade do conceito, isto é, aquilo que é feito ou construído com esse material está sujeito a pouca duração. Já no domínio origem, pé, definido acima, subfocaliza-se a estrutura imagem–esquemática de verticalidade, força, locomoção, parte inferior e rapidez. Nesse caso, o subdomínio de “pé” utilizado é de equilíbrio ou suporte. Portanto, a metáfora construída a partir desses mapeamentos

Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista considera que ter os "pés de barro" é exibir um suporte ou equilíbrio frágil. Em (g), observa-se uma ocorrência de "pé-de-chinelo":

- g. "Ladrões **pé de chinelo** implacavelmente caçados"
(<http://protogenescontraacorrupcao.ning.com/profiles/blogs>).

Do domínio destino, 'chinelo', "calçado macio e confortável, com ou sem salto, destinado a ser usado em casa" (Dicionário Houaiss Eletrônico) ou em situações informais, geralmente, feito de borracha, mapeia-se a informalidade. Entre os calçados, poder-se-ia considerá-lo o menos nobre, em função do material de que é feito e pelo seu caráter doméstico. No domínio origem, 'pé', mapeia-se a posição, parte inferior do corpo, o que reforça a informação já contida em 'chinelo'. Logo, a expressão metafórica "pé de chinelo" significa "marginal pouco perigoso ou pobre, sem expressão" (Dicionário Houaiss Eletrônico).

Palavras finais

Neide Higino da Silva Neide Higino da Silva Ao longo do texto, metáfora e metonímia foram destacadas como processos cognitivos importantíssimos na geração do conhecimento. Inicialmente, a partir de Lakoff & Johnson (1980), foram definidas como processos binários, funcionando separadamente. Essas noções clássicas, como afirma Radden (2000), são fundamentais para definir as categorias prototípicas do *continuum* metonímia-metáfora. Contudo, Croft & Cruse (2004) apresentam uma nova perspectiva sobre esses processos, considerando-os como constituintes de um *continuum*, em que há manifestações, genuinamente, metafóricas, outras, metonímicas; há, no entanto, momentos em que os processos interagem e ainda, outros em que não é possível identificar o processo.

Com abordagens distintas, Kövecses (2000) e Barcelona (2000) demonstram que as inter-relações entre metáfora e metonímia são mais complexas do que o fato de uma originar a outra. O primeiro indica um mapeamento dentro do domínio origem. Kövecses define esse domínio como uma composição de subdomínios e entre eles são escolhidos aqueles

considerados mais relevantes. Esse processo pode ser comparado ao processo intra-dominal da metonímia. No entanto, o mapeamento interno ocorre apenas no domínio origem e essa filtragem impõe-se sobre o domínio destino.

Barcelona, por sua vez, propõe um processo mais interativo e de grande complexidade. Ele aponta que o processo de construção da metáfora passa, antes de uma correlação entre domínios cognitivos distintos, por um mapeamento metonímico dentro de cada domínio- origem e destino – particularmente, que pode significar dizer que o processo mental é, antes de tudo metonímico, corroborando o posicionamento de que metáfora e metonímia são processos de significação indissociáveis.

Referências

- BARCELONA, A. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2003 [2000]. p. 31-58.
- CROFT, W. & CRUSE, A. D. *Cognitive linguistics*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2009 [2004].
- CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. *Introducción a la lingüística cognitiva*. 1 ed. Barcelona: Ariel, 1999.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa, versão 6.0*. Curitiba: Positivo, 2009.
- HOUAISS, A. (et alii). *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Objetiva. Versão 3.0, junho de 2009.
- KÖVECSES, Z. The scope of metaphor. In: BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective* Berlim: Mouton de Gruyter, 2003 [2000]. p. 79-92.
- LAKOFF, G & JOHNSON, M. *Metáforas de la vida cotidiana*. 7 ed. Madrid: Cátedra, 2007 [1980].
- LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990 [1987]. p. 5, 444-445, 453-456.

Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de linguística*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 175-192.

RADDEN, G. How metonymic are metaphors?. In: BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2003 [2000]. p. 93-108.

ABSTRACT: Cognitive Linguistics argues that there is diffuse border among the categories. Through this research, one wonders whether these lacks of precise boundaries reaches the metaphor and metonymy to the point of an overlap between the two and provide a continuum metonymy-metaphor.

KEY-WORDS: Metaphor; Metonymy; Continuum; Invariance principle.